

A MOTIVAÇÃO PARA APRENDER

META

Apresentar os principais motivadores internos e externos que influenciam na aprendizagem.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

definir motivação;

identificar as características de uma atividade motivadora;

reconhecer e aplicar os principais motivadores no processo de ensino e aprendizagem.

PRÉ-REQUISITOS

Rever o conteúdo da aula sobre a Teoria da Espontaneidade e a aprendizagem.



Crianças desenhando. (Fonte: www.constantinbrasil.com.br).

INTRODUÇÃO

Você já se sentiu obrigado a fazer algo de que não gosta?

Ou ter que fazê-lo novamente porque da primeira vez não ficou como deveria? Qual a diferença destas duas situações em comparação com outras em que você fez algo espontaneamente, sem ser obrigado e com o interesse de ver o resultado? Não tenha dúvidas, caro aluno, é muito melhor fazer algo quando estamos motivados. Mas o que vem a ser esta tal motivação?

Estudaremos, nesta aula, o que é e quais são os principais incentivadores e as principais barreiras no desenvolvimento da motivação. Além disto, discutiremos os principais contextos em que ela se manifesta: fisiológicos, psicológicos e sociais, que geram esta sensação, resumida de forma simples por Bueno (1989) como a exposição de motivos ou causas.

Abordaremos, ainda, entre outros assuntos, como a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, deixando de ser apenas um receptor de informações, pode aumentar a sua motivação. Esperamos que você, caro aluno, esteja motivado para esta aula e, se não estiver, que consiga se aquecer durante o transcorrer da leitura. Boa aula!

A MOTIVAÇÃO

Olá, caro aluno! Gostaria de iniciar esta aula contando um caso que certa vez ouvi de um amigo. É uma história chamada “A ciência do Peixe”. Fiz algumas modificações para adequá-la à proposta do nosso estudo. Foi assim.

Era uma vez um pescador chamado João Firmino, mais conhecido como Seu Firmino, o pescador. Morava numa comunidade, às margens de um belo rio, com um bom volume de água e boa extensão. Desse rio ele tirava não só o alimento de todos os dias para si e sua família, como também vendia os peixes para garantir a sobrevivência deles.

Seu Firmino era casado com D. Juvanete e tinha uma filhinha chamada Jandira. Viviam de forma simples e nada lhes faltava. Porém, sentia-se bastante intrigado com algo que sua esposa fazia há dez anos, desde o início de seu casamento, mas nunca teve coragem para perguntar-lhe o porquê de tal prática.

O mais interessante de tudo isto, caro aluno, é que ao ouvir essa história pela primeira vez, lembrei-me de vários momentos (na escola) em que estive diante de uma pessoa com quem convivia já há algum tempo (o professor) e mesmo com uma boa relação, ainda pensava duas vezes antes de perguntar-lhe algo. Você já passou por isto? O que nos leva a evitar uma pergunta ao professor? É claro que nem todas as pessoas passam por isto, mas esta é a realidade de muitos alunos. No meu caso, era vergonha. Tinha medo do que os outros iriam achar, pois não sabia se a minha pergunta era inteligente ou se demonstrava a minha falta de conhecimento sobre o assunto. Se você já passou por isto, pense no motivo que o impediu de perguntar.

Retomemos a nossa história.

Firmino tinha uma pergunta para fazer a sua esposa. Certo dia, na hora do almoço, ele olhou para a panela cheia de peixe cozido (todos cortados ao meio) e disse:

- Juzinha, minha filha, quero te perguntar uma coisa...

- Diga, Firmino

- Eu queria que você me explicasse a razão de preparar o peixe da mesma forma há dez anos?

- Como é? – questionou a esposa sem entender nada, olhando para Firmino.

- É que há dez anos você corta o peixe em duas bandas para cozinhá-lo. Sempre em duas bandas!!! Eu não entendo! Deve haver uma razão para isto, você muda o molho, mas sempre prepara o peixe da mesma forma, cortado ao meio!!!

- Haa! É isto?! É simples, Firmino. É a **ciência do peixe**.

- Como assim? Deve haver alguma explicação para isto!

- É como eu disse, é a ciência do peixe. A minha mãe me ensinou assim, e é assim que é feito.

- Não estou conformado!

Firmino então pegou o seu barco e desceu o rio. Foi até a casa da sogra em busca de uma resposta satisfatória. Ao chegar à casa da sogra, foi recebido por ela com um sorriso no rosto. Firmino logo explicou-lhe o motivo da visita e ela, com outro sorriso, disse-lhe:

- Não acredito que você veio até aqui só para saber o porquê de o peixe ser cortado ao meio na hora de ser cozido!!!

- É isso mesmo, estou querendo muito saber. A senhora pode me responder?

- Claro!!! Aprendi isto ainda pequena. É muito simples, ele é cortado assim porque esta é a maneira que se faz, é a ciência do peixe.

Firmino quase engasgou e disse:

- Olhe, não quero saber de ciência alguma. Eu quero saber o porquê de o peixe sempre ficar cortado ao meio! Qual o MOTIVO?

- Olha, Firmino, esta é a ciência do peixe. Foi minha mãe que me ensinou, ela mostrou como se fazia e eu mostrei a minha filha. É assim que se faz, é a ciência do peixe!

Firmino não pensou duas vezes, pegou o barco e desceu o rio ao encontro da avó de sua esposa. Desta vez ele tinha certeza de que encontraria uma resposta satisfatória.

Ao chegar à casa da avó de sua esposa, a nobre senhora, conhecida como Dona Antiga, saiu e o atendeu. Mais uma vez ele narrou o acontecido e a senhora sorriu:

- Não acredito que você veio aqui para isto!

- Sim, vim em busca de uma resposta. A senhora pode me explicar?

Nisto, ela respondeu algo que deixou Firmino mais intrigado.

Ciência do peixe

Algumas pessoas quando não conhecem a explicação de algo que aprenderam e o repetem há muito tempo costumam explicá-lo de forma empírica e, em alguns casos, substituem essa explicação pela palavra “ciência”. Desta forma, a ciência do peixe significa “é porque é assim que se faz”.

- Não acredito que ainda fazem o peixe assim.

E Firmino respondeu assustado e surpreso:

- Como assim? O que a senhora quer dizer com isto?

- É que na minha época, meu filho, as panelas eram de barro e pequenas, então tínhamos que cortar o peixe ao meio para caber dentro delas, mas hoje não precisa porque as panelas são grandes.

Com isto, chega ao fim a busca de Firmino por uma resposta satisfatória.

Gostou da história? Você pode estar se perguntando qual o motivo de ela estar aqui. É que o tema desta aula é motivação e, sendo assim, escolhi esta narrativa que traz uma situação de forte motivação para o protagonista, o Seu Firmino.

Antes de nos pararmos para refletir sobre esta história, gostaria que você, caro aluno, pensasse em que o motivou a leitura deste. Pense um pouco, deve ter sido mais de um motivo. Deve ter iniciado com um e depois mudado para outro. Vou arriscar dizer que a sua primeira motivação foi o desejo de querer aprender o novo conteúdo e, para isso, você precisava estudar a aula. Como a história é um componente dela, conseqüentemente tinha que ser lida. Daí em diante, pode ser que a motivação tenha sido guiada pela curiosidade de saber o mistério que envolve a ciência do peixe.



Motivação

Ato de motivar; exposição de motivos ou causas; conjunto de fatores psicológicos, conscientes ou não, de ordem fisiológica, intelectual ou afetiva, que determinam um certo tipo de conduta em alguém.

Mas você sabe exatamente o que é **motivação**?

Dinah (1987), em seu livro *Psicologia da Aprendizagem*, diferencia estímulo de motivo, de incentivo e de interesse. Observe, caro aluno, que para compreendermos bem o sentido de motivação, precisamos entender também as definições de outros elementos que às vezes nos causam confusão. Vamos lá?

Estímulo – ela nos mostra, caro aluno, que o estímulo é algo físico ou psicológico que desperta uma reação do nosso organismo. Como assim? É simples. Um estímulo físico é tudo aquilo que chama a atenção ao entrar em contato com o corpo. Vamos utilizar aqui alguns exemplos ligados ao contexto escolar, ok? Pode ser uma caneta que você segura para copiar a lição (tato), o cheiro e o sabor do lanche na hora do intervalo das aulas (olfato e paladar), a luz acesa na sala de aula ou o quadro em que o professor escreve (visão), um som, que pode ser a voz do professor (audição). Um estímulo psicológico pode ser uma lembrança, pensamentos ou sentimentos (amor, raiva, carinho, amizade). Todas estas coisas provocam uma reação no organismo.

Motivo – o motivo é que mantém um comportamento para se obter algo de que se tem interesse. Observe, caro aluno, que um estímulo pode ser motivador, um gosto bom pode motivar você a continuar comendo, ou a forma como o professor chama a atenção da sua visão e da sua audição pode motivá-lo a estudar a matéria que ele está ensinando;

Incentivo – é o que possibilita uma ação. É o meio pelo qual a sua motivação irá se realizar. Está complicado? Após apresentar a definição de interesse, colocarei um exemplo.

Interesse – é uma atuação emotiva¹ que temos por algo real ou ideal². Dizemos que o interesse é do tipo real quando se relaciona a algo imediato, isto é, você tem interesse por cálculos e diante deles se sente motivado. Já o interesse do tipo ideal ocorre quando se relaciona com algo que não está presente, ou seja, a sua motivação está voltada para alguma coisa que vai receber se realizar aquela atividade. Um exemplo disto é estudar hoje para ser um profissional amanhã.

ATIVIDADES

Para você, caro aluno, qual o sentido da história sobre a ciência do peixe? Que mensagem ela passa? Qual a sua relação com a motivação?



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A história de Firmino nos mostra, caro aluno, uma dúvida surgida diante de um estímulo que se repete (o peixe cortado ao meio). Depois da explicação não convincente, Firmino iniciou a busca por uma resposta satisfatória. Ele queria compreender algo, estava curioso e esta era a sua motivação. A motivação caracteriza-se por um querer chegar a um resultado guiado por fatores fisiológicos (como a fome ou a vontade de ir ao banheiro) e psicológicos (sentir-se bem com o reconhecimento

de um trabalho bem feito) que podem ser influenciados pelo ambiente. A mãe e a avó de sua esposa funcionaram como incentivos para ele continuar pesquisando, e a expectativa de saber a resposta era o seu interesse. Ele não aceitou a explicação da esposa porque não via sentido no que estava sendo dito.

É importante atentar que esta história nos mostra, de forma lúdica, que fazemos e aprendemos muitas coisas simplesmente sem saber o motivo de elas serem daquela forma, e sendo assim, surge a repetição, a cristalização e a perda da espontaneidade. Isto acontece com os conceitos que aprendemos, pois a base para a maioria deles nos foi ensinada quando ainda éramos crianças e por isto nem percebemos que muitas das nossas atitudes são motivadas por idéias sobre as quais não refletimos.

Vamos agora ao exemplo que Dinah (1983) traz em seu livro para explicar incentivo. Ela nos mostrou a seguinte situação. Um homem põe a mão em uma chapa quente. Retira a mão da chapa e a leva até a torneira onde pode aliviar a dor com água.

Neste caso, a dor é um estímulo que provocou uma reação orgânica (retirar a mão da chapa e sentir dor), abanar a mão e colocá-la na água são comportamentos que ocorrem com a motivação de passar a dor. A água é o incentivo. Se não houvesse água, a pessoa procuraria outro incentivo para realizar as ações que estavam sendo motivadas. O interesse era real e era não sentir dor. Ficou mais claro? O caderno e a caneta também são incentivos para o aluno, pois possibilitam que ele anote o que for necessário.

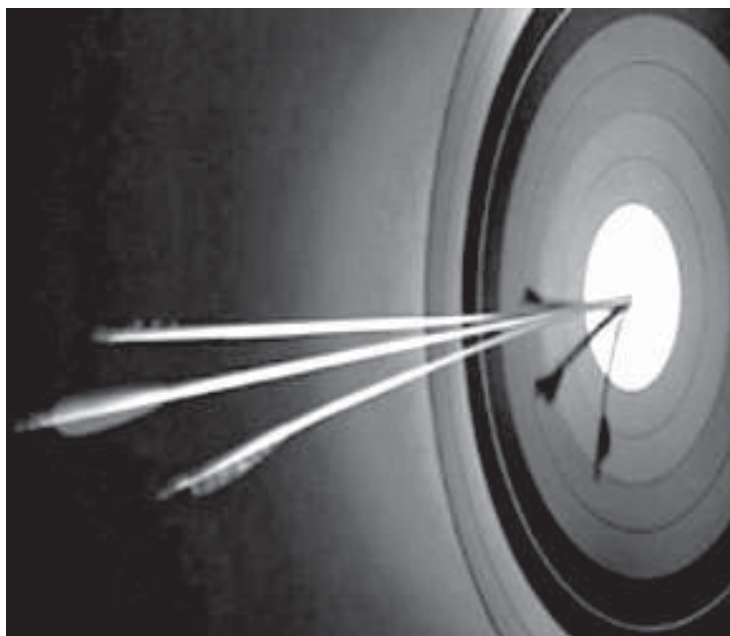
E como fazemos para motivar o aluno a trabalhar com diversos conteúdos? Será que simplesmente apresentá-los é o bastante? Vamos analisar a situação do aluno e do professor no processo de motivação com base na proposta de Dinah (1983).

a) O aluno: precisa de tempo para processar as informações e fixar a aprendizagem, além de se interessar por novas informações e possibilidades. Necessita de auto-disciplina e sacrificar outros afazeres para estudar e se dedicar às tarefas exigidas. Os conteúdos precisam fazer sentido, ser atrativos. O que você, caro aluno, percebe que o fez escolher este curso? Mostre isto aos seus futuros aluno.

Existem motivadores para todas as outras coisas que o aluno gosta de fazer (assistir à programação exibida pela televisão, jogar videogame, estar com os amigos), a concorrência é forte e o professor deve se lembrar disto; b) O professor: em suas ações em sala de aula, você caro aluno, já deve ter percebido que não basta dar uma boa explicação sobre a matéria e depois exigir que o aluno aprenda o conteúdo. Antes de tudo, é necessário chamar

a atenção dele e criar o interesse pelo estudo, estimulando nele o desejo de conseguir resultados. Lembra-se da história de Firmino? É daquele desejo de descobrir que estamos falando. Para isto o professor deve estar motivado, não é só o aluno.

A tarefa deve produzir motivação. O aluno acerta o exercício e se sente motivado para fazer outro, pois percebe ser capaz de resolvê-lo e que está entendendo o assunto, isto é, está acompanhando o raciocínio com os demais. Ou seja, devemos trabalhar a motivação da forma correta. Para isto, é necessário saber acompanhar a evolução do aluno. Para ele continuar desejando o sucesso, o conteúdo a ser aprendido não deve ser muito fácil, mas também não deve ser impossível de se realizar. Um dos maiores desestimuladores é perceber que está indo em um ritmo muito diferente dos demais, que está errando enquanto os outros estão acertando.



Flexa no alvo. (Fonte: <http://www.irsoaventuras.com>)

ATIVIDADES

Vamos ver como isto funciona? Você, caro aluno, irá experimentar agora dois problemas com graus diferentes de dificuldade. Vamos ver qual motiva mais?

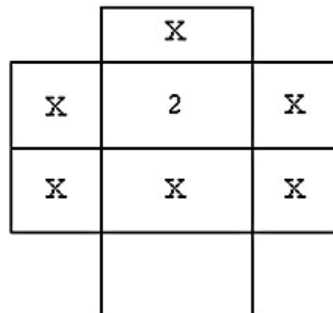


1. Realize as seguintes operações:

$$39+8=? \quad 78-15+46=? \quad 257*2 / 4=?$$

2. organize os seguintes números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 no espaço abaixo, de forma que os números vizinhos (o 2 é vizinho do 1 e do três por exemplo) não podem fazer fronteira, ou seja, ficar um ao lado do outro em qualquer direção.

Ex: caso o número 2 esteja na posição indicada, o 1 ou o 3 não poderão estar nos locais com o X, pois caracteriza fronteira. Copie este desenho sem o 2 e sem os X e tente encaixar a seqüência de 1 a 8. Boa sorte!

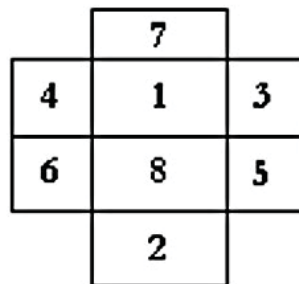


COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Esta atividade é dividida em duas partes. A idéia aqui é mostrar que fazer uma atividade muito fácil leva ao sucesso de resultado mais rápido, mas não damos a mesma importância ou temos a mesma motivação que uma atividade desafiadora.

Respostas 1): 47; 109; 128,5.

Resposta 2



Esta é uma das possibilidades, você pode trocar o 1 e o 8 de lugar e por consequência os demais. Sabemos que uma atividade desafiadora estimula muito mais o aluno. Este é um jogo que se pode trabalhar individualmente ou em grupo, depende das metas de cada professor. Uma observação, caro aluno, a escola ainda não percebeu, ao longo de sua evolução, que a aprovação no final do ano tem sido vista como o principal alvo de interesse dos alunos e não o aprendizado. Daí a motivação de tirar notas azuis ser maior que a motivação para aprender. É preciso ter cuidado com isto.

PRINCIPAIS MOTIVADORES

Observaremos a seguir, caro aluno, os principais motivadores para o aluno, de acordo com a proposta de Dinah (1983).

1. Participação ativa nas atividades (discussões e debates).
2. Desafios – o professor deve promover atividades que desafiem o aluno, não podendo ser algo muito fácil e nem extremamente complicado.
3. Ter um conhecimento dos resultados do trabalho – é importante que o aluno tenha conhecimento de seus erros e acertos, bem como das causas que o conduziram a isto.
4. Fracasso e censura x sucesso e desafio – o fracasso é uma idéia que deve ser abolida da educação. Considerar que o aluno fracassou é desmontar sua auto-estima. Como ele poderá ter sucesso carregando o peso do fracasso? Se o aluno não consegue atingir os objetivos propostos pela escola, então é necessário que o professor reveja os caminhos percorridos durante o processo de aprendizagem. Ele deve tentar atingir o aluno de outras formas, buscar outros mecanismos para que ele obtenha êxito.

Assim, o primeiro passo a ser dado é identificar as interferências negativas no processo de aprendizagem do aluno, quer sejam na escola ou fora dela. A censura também é negativa. O aluno deve sentir-se a vontade para se expressar, só assim ele estará confiante para participar. Mas este exercício só funciona se o respeito aos colegas também for ensinado.

Devemos trabalhar com a idéia de que o sucesso está em cada etapa conquistada (por menor que seja) e não unicamente na concretização do objetivo final.

5. A capacitação, feita de forma lúdica e em grupo, é um grande motivador. Os alunos aprendem brincando e, desta forma, devemos utilizar os jogos e as competições do tipo gincana.

6. É importante que o aluno esteja ciente, desde o início, dos objetivos propostos para ele, para que possa se orientar, saber aonde ir. Neste caso, cabe ao professor expor as suas pretensões.

7. A segurança e a atuação social são outros fatores que interferem na motivação. Se o aluno acha que fazer uma pergunta irá torná-lo um chato diante da turma, então ele prefere ficar calado. Você se lembra da aula de grupos? Já vimos isto lá. O meio social fora da escola também se caracteriza como um motivador, mas estudaremos melhor este assunto na próxima aula, quando abordaremos os diversos contextos que interferem na educação.



Cena do filme *Escritores da liberdade* (Fonte: <http://www.planetaeducacao.com.br>).



ATIVIDADES

Como você acha, caro aluno, que devem ser utilizados os principais motivadores em sala de aula?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Você deve ter percebido que trabalhar com os principais motivadores descritos nesta aula significa dar uma assistência quase completa ao aluno, e este é o primeiro ponto que pode ser levantado. Deve ter observado, ainda, que a resposta para esta questão não é única e que por este motivo o nosso comentário serve como sugestão e não como resposta fechada. Acredito que os motivadores devem ser utilizados de acordo com a aula a ser realizada. Em alguns dias poderão ser promovidas discussões, em outros jogos, o desafio pode aparecer com muita frequência, mas nem sempre precisa estar associado a um exercício. Pode aparecer como na história de Firmino. Você pode utilizar os desafios que constituem um novo conteúdo, ok?

CONCLUSÃO

Para fazermos algo bem feito, é necessário que exista uma motivação, e se tratando de aprendizagem, as motivações desenvolvidas pelo professor e pelo contexto escolar são de grande importância. Isso porque muitos outros estímulos fora da escola podem ser motivadores e, conseqüentemente, concorrentes da atenção do aluno. Assim, é fundamental muita atenção com o nosso desempenho em sala de aula e a forma com que passamos o conteúdo para os alunos.

RESUMO

Um dos principais elementos do processo de ensino e aprendizagem é a motivação. Ela é entendida como um desejo de obter sucesso, de continuar fazendo algo guiado por fatores psicológicos e fisiológicos. No processo de desenvolver uma ação, e neste caso a ação é aprender, passamos por algumas etapas, tais como estar diante de um estímulo, ter uma motivação, ter um incentivo e um interesse. Tais etapas devem ser de conhecimento do professor que deverá ajudar a promovê-las. É importante saber que este processo que envolve a motivação vale para o aluno e para o professor. Nesta aula apresentamos uma lista com os principais motivadores,



destacando o incentivo à participação do aluno na aula e a promoção de desafios moderados, isto é, que não sejam nem impossíveis de se resolver, mas que também não sejam tão fáceis.

REFERÊNCIAS

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Lisa, 1989.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

MUSSEN, Paul et al. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Habra, 2001.